

Realidade do plenário muda sonhos de parlamentares

Dora Tavares de Lima

BRASÍLIA — Benedita da Silva, a Bené do PT, quando perde uma batalha em plenário sente a angústia de quem saiu da favela certa de que ajeitaria a vida do povo escrevendo a Constituição. Ronaldo César Coelho (PMDB), o banqueiro do London Multiplíc, conserva sempre o *fair-play* de quem já foi eleito Homem do Ano em Nova Iorque e o entusiasmo de quem acha a política o grande negócio de sua vida.

No dia 1º de fevereiro de 1987, quando assumiram seus mandatos de deputados constituintes pelo Rio de Janeiro, os dois só tinham em comum o estado de origem. Hoje, passados 15 meses, compartilham a satisfação com o próprio desempenho, as críticas à performance alheia e apontam a grande lição que a Constituinte lhes ensinou: a arrogância e o desejo de confronto de certas lideranças levam sempre à derrota, nada se faz que não seja pela via da negociação.

Bené e Ronaldo expressam um sentimento que é comum à maioria dos constituintes. Eles acham que a Constituição não será conservadora como as primeiras previsões, nem avançada como fazia supor o texto aprovado pela Comissão de Sistematização. "Ela terá a cara do Brasil, porque isso aqui é um espelho do país", avalia o único deputado verde da Constituinte, Fábio Feldman (PMDB-SP). O senador Albano Franco (PMDB-SE), presidente da Confederação Nacional da Indústria, concorda com Fábio, mas acha que seu partido cometeu um erro ao não ter aprovado a elaboração de um anteprojeto prévio para ser discutido pela Constituinte. "Isso levou à demora dos trabalhos e ao aprofundamento das divergências no PMDB", diz.

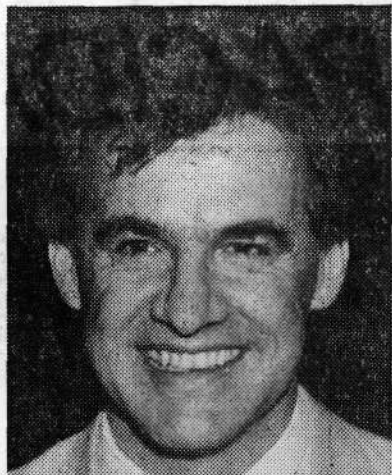
Embora os trabalhos da Constituinte ainda tenham pelo menos mais cinco meses pela frente, segundo as previsões otimistas, os parlamentares já se sentem seguros para avaliar o que fizeram até agora. A exceção é justamente um constituinte de 46, um homem que após 20 anos afastado da vida pública se elegeu senador para ajudar a escrever esta Constituição. Afonso Arinos acha que avaliações agora são prematuras: "Nunca se fez um processo constitucional como esse no Brasil. Ele é complexo e eu não gostaria de avaliar seus resultados agora. Não quero falar sobre isso".



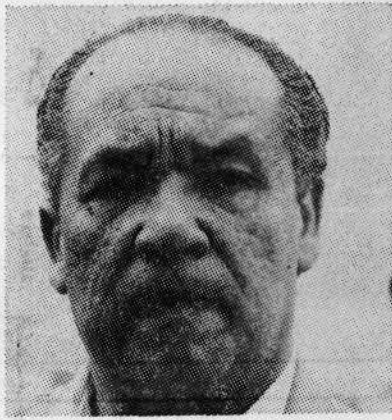
Benedita da Silva (PT-RJ) — Chegou a Brasília pronta para o confronto. Queria melhorar a vida no país, brigar pelo povo, mas logo viu que a luta era mais renhida do que imaginava. Bené sabia que não conseguiria aprovar tudo o que pretendia, mas ficou "estarecida de ver como há seres humanos capazes de defender propostas que tiram do índio aculturado o direito à posse da terra e da empregada doméstica a licença maternidade". Ela teve um grande momento de frustração, quando o plenário derrotou sua emenda que faria o Brasil romper relações com a África do Sul. Mas diz que é corajosa e insistente e que, por isso, não voltará de mãos abanando para o eleitorado. Já registrou na biografia a façanha de ser a primeira favelada a presidir uma Assembleia Constituinte, numa das ausências de Ulysses Guimarães.



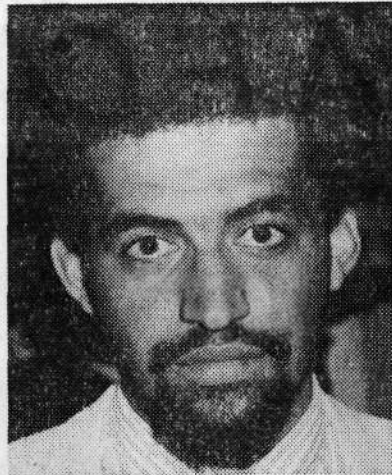
Fábio Feldman (PMDB-SP) — Antes de se eleger deputado, achava, "como é a tendência de todo mundo", que o Brasil era bem melhor. "A gente chega aqui e cai na real. Vê que o país é mais atrasado do que se gostaria que ele fosse". Fábio acha que a esquerda também tem posições extremamente conservadoras nas questões ambientalistas. Uma das coisas que mais impressionaram o deputado é como a burocracia tem poder e como ela se faz subserviente ao parlamentar e agressiva com o cidadão comum. Por causa disso, trocou seu distintivo de deputado pelo do Fundo Mundial para a Vida Selvagem, com a figura de um pequeno urso Panda. Fábio procura fazer uma análise realista do Centrão: "Acho que sua atuação foi muito importante. Acabou legitimando o texto constitucional, porque a sociedade brasileira não é de esquerda".



Alcení Guerra (PFL-PR) — Tem orgulho de haver produzido "uma obra prima" na Constituinte. É assim que classifica sua emenda que dá oito dias de licença paternidade ao homem. Alcení acha que a aprovação de sua proposta (nem ele acreditava nessa possibilidade) ocorreu em clima puramente emocional e deu-lhe uma lição: "Aqui dentro muda-se qualquer coisa com um bom discurso, uma boa argumentação". Alcení também acha que os lobbies mudam muito voto. Deputado do grupo moderno do PFL, acha que o lobby mais competente da Constituinte foi o da Igreja. "O lobby espiritual funciona sempre". Na opinião de Alcení, os piores momentos da Constituinte são aqueles "em que prevalece a truculência do radicalismo".



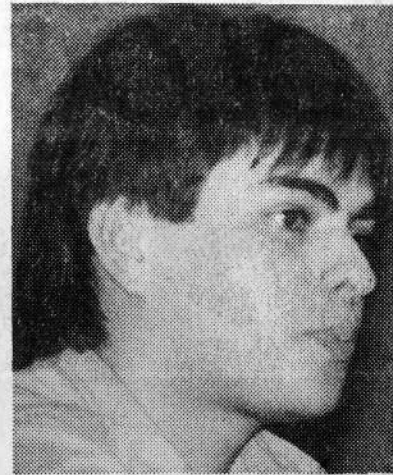
Brandão Monteiro (PDT-RJ) — Era pessimista quanto aos resultados dos trabalhos da Constituinte. Hoje se diz satisfeito sob dois aspectos: há muito menos gazeteiros do que imaginou e o texto está saindo muito mais progressista do que poderia esperar. Mesmo com uma bancada de 25 parlamentares, Brandão acha que o PDT conseguiu influir: "Através de uma frente com parlamentares progressistas, influímos principalmente nas questões da ordem social, ordem econômica e sistema tributário". O momento mais difícil desses 15 meses foi, para Brandão Monteiro, o da votação do mandato dos presidentes, "porque foi inegável a influência de forças estranhas, do Planalto e do fisiologismo". As vitórias da esquerda na Ordem Econômica entusiasmaram o deputado: "o texto aprovado é tão bom que até surpreende".



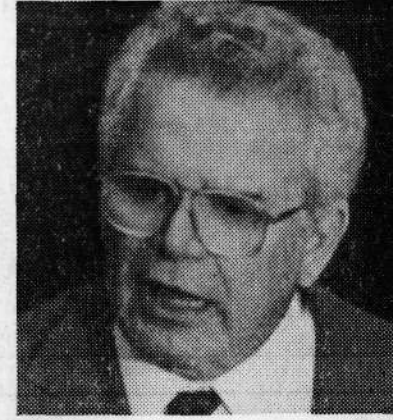
Edmilson Valentim (PC DO B-RJ) — Não se intimida por cumprir seu primeiro mandato e fazer parte de uma bancada de apenas cinco deputados. No início ficava no fundo do plenário, morto de medo dos "cobras". Agora, senta-se na quarta fileira e participa de negociações, como no acordo da estabilidade no emprego. "Acho que consigo defender bem meus compromissos de campanha, apresentando propostas como as do turno de seis horas, o direito de greve, liberdade e autonomia sindical e jornada de 40 horas", sustenta o deputado, cujo maior orgulho foi ter recebido nota 10 do Departamento Intersindical de Assessorias. A maior surpresa de Edmilson foi ver como o Palácio do Planalto conseguiu influenciar a votação do sistema de governo e mandato dos presidentes.



Raquel Cândido (PFL-RO) — Acha que, depois da votação do capítulo da Ordem Econômica, a Constituinte tomou o rumo certo. "Com isso, viabilizamos, em termos financeiros e de correlação de forças, o cumprimento dos avanços conseguidos nos direitos sociais", diz. Raquel tem fama de brigona na Constituinte e gosta de justificar: "Essa Casa é machista enrustida, porque finge que nos trata como iguais, mas quando o Amaral Neto grita ele é exasperado. Eu, porque sou mulher e pequena, tenho de ser brigona. Qual é?". Mas ela briga mesmo, principalmente para não ocupar apenas os espaços reservados tradicionalmente às mulheres. Das 87 emendas suas, 34 eram da Ordem Econômica. Na semana passada, Raquel comentou a vitória dos nacionalistas como uma vitória pessoal: "Mexi com as minhas mãos neste país. Isso posso dizer que fiz".



Cássio Cunha Lima (PMDB-PB) — É o caçula da Constituinte (25 anos), mas já conseguiu ser escolhido vice-líder do senador Mário Covas. As coisas iam correndo bem para Cássio — exibe um ar orgulhoso quando lembra como o ministro Antônio Carlos Magalhães tornou-se seu inimigo por causa de sua atuação na comissão que tratou das Comunicações — até o aparecimento do Centrão. "Comecei a fumar por causa disso e só parei quando o Centrão começou a perder em plenário", conta. Cássio não acha que os caciques políticos atrapalhem a participação dos outros parlamentares: "É preciso saber ocupar os espaços". A falha maior, para ele, é a existência de pianistas (os que votam por outros parlamentares) e gazeteiros: "Isso me causa uma frustração muito grande, assim como o espírito de corpo que existe aqui".



Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP) — Tem uma satisfação que, diz ninguém lhe tira nessa Constituinte: ter sido o autor da emenda para mudança do regimento interno, que propiciou o surgimento do Centrão. "Antes dela, iria para o texto Constitucional tudo o que 47 integrantes da Sistematização quisessem, se não houvesse 280 votos contra". Isso, na opinião de Roberto, "restabeleceu o princípio de soberania do plenário". Mas Cardoso Alves não está gostando do resultados da Constituinte que, para ele, tem três grandes vocações: "Uma profunda ojeriza ao trabalho, tal a soma de vantagens e diminuição de horas de trabalho aprovadas aqui; um carinho especial com os criminosos, pois proibiu o trabalho remunerado nos presidios; horror ao capital investidor e ao lucro, que se transforma em pânico quando o capital é estrangeiro".



Rita Camata (PMDB-ES) — Acha que foi uma grande vitória ter conseguido superar a imagem de mulher bonita e burra. "Essa imagem era falsa e no começo me deu um certo bloqueio, mas agora eu já consegui mostrar que não sou bibelô da Constituinte, que represento 130 mil capixabas e o espaço que me deram como musa eu ocupei com trabalho". Rita tem várias críticas à Constituinte: não gosta dos acordos de gabinetes, abomina gazeteiros e pianistas e acha que as pessoas estão muito pouco dispostas ao entendimento. Na sua opinião, o texto até agora tem saído bom, principalmente na parte dos direitos do trabalhador, mas já vê "uma grande orquestração" sendo montada para derrubar essas conquistas no segundo turno. A solução, na opinião de Rita, "é a mobilização da sociedade".



Ronaldo César Coelho (PMDB-RJ) — Avisa logo que está "adotando". Apesar de grandes frustrações — como as votações do sistema de governo "e o arcaísmo dos anos 50 que está sendo aplicado na Ordem Econômica" —, Ronaldo está "superorgulhoso" de seu papel de constituinte, triste porque tudo vai terminar e convicto de que a política é melhor que o mundo dos negócios: "Não há maior fortuna que a vida pública". O deputado divide seu trabalho em dois blocos: o idealista (foi o responsável pelo acordo da estabilidade), que usou na ordem social e lhe rendeu a inimidade de amigos empresários, porque fechou quase sempre com a esquerda; e o realista, utilizado na Ordem Econômica, onde criticou o nacionalismo exarcebado da esquerda e se reaproximou da centro-direita.